



A ERA DOS MORTOS

[PARTE 2]



RODRIGO DE OLIVEIRA

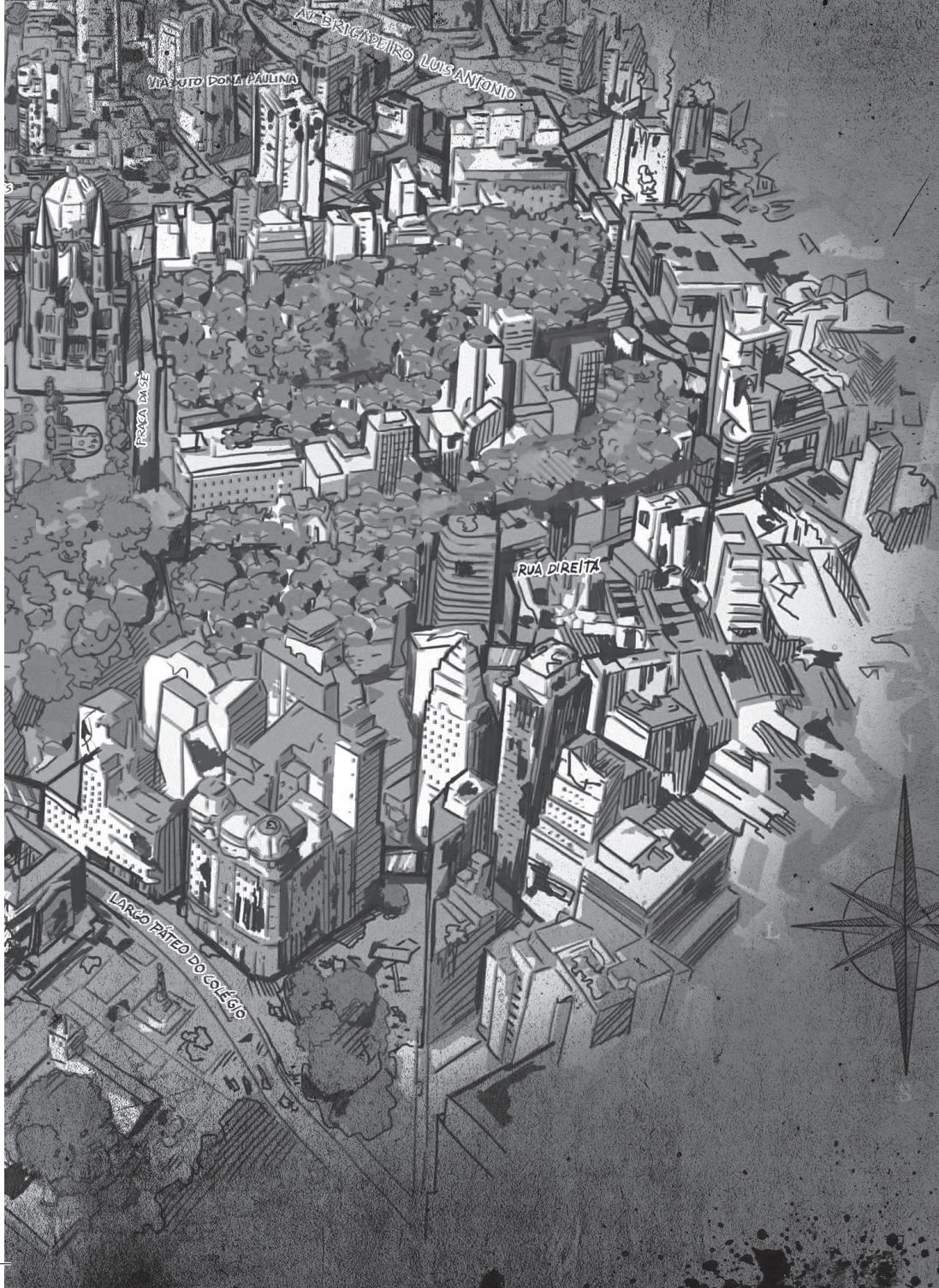
A ERA DOS MORTOS

[PARTE 2]

 **FARO
EDITORIAL**

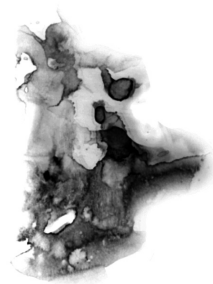


COMUNIDADE UNIDOS POR SÃO PAULO





PREÂMBULO



— VOLTE, VOLTE! RECUE! AGORA! — gritava o comandante, gesticulando sem parar.

Fernando disparou mais algumas vezes com seu fuzil, virou-se e finalmente começou a correr. Não adiantava mais insistir naquela loucura, a missão se transformara numa tragédia, e agora estava tudo perdido. A única coisa que lhes restava fazer era fugir.

— Você ficou surdo?! Eu mandei você recuar! — O oficial também corria, tentando acompanhar o rapaz, que agora parecia ter asas nos pés.

— E eu te falei que essa era uma péssima ideia! Você praticamente condenou todos nós à morte!

— Como é que eu poderia adivinhar, porra? Não enche o saco, eu sou o responsável por esta missão!

— Não tem mais missão, você não percebeu? Estão todos mortos! E nós dois seremos os próximos!

Fernando tinha os olhos vermelhos de pânico e raiva. Trincando os dentes, ele continuou correndo com determinação férrea, vendo o inferno se formar à sua esquerda. Eles seguiam sempre à beira-mar. Assim, de um lado estava o oceano — aquele verde infinito banhado pelo sol — e do outro, uma grande faixa de areia na qual os zumbis surgiam de todos os cantos possíveis.

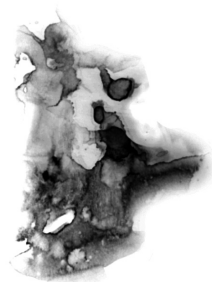
As criaturas avançavam, trôpegas, aos milhares, invadindo tudo numa extensão de centenas de metros. Joaquim e Fernando corriam como loucos. Em breve estariam cercados, e só teriam o mar como alternativa. Mas essa também não era uma boa saída, pois, uma vez na água, para onde iriam? Não havia como voltar, tampouco pedir ajuda. Todos os demais membros da equipe estavam mortos, e os dois sobreviventes se encontravam a mais de cem quilômetros do forte.

Fernando ofegava de exaustão. Correr na areia era muito cansativo. Lutando contra a fadiga, ele conseguia seguir apenas por conta da poderosa explosão de adrenalina que o impulsionava para a frente. Mas o jovem sabia que seu tempo estava se esgotando. Eles não tinham como escapar daquela armadilha.

Ao ver a muralha de zumbis se agigantando ao seu lado, ele dirigiu um último pensamento à sua amada. Naquele momento de desespero, Fernando gostaria muito de ter tido coragem para fazer o que ela havia pedido na noite anterior: a moça praticamente implorara para que ele não partisse naquela missão. Se Fernando a tivesse escutado, tudo teria sido diferente.

E, então, um último pensamento o assaltou, mas para esse ele já tinha resposta: *Como eu pude permitir que as coisas chegassem a este ponto?*

HORA DE MORRER



ENQUANTO ISABEL OBSERVAVA a serra elétrica se aproximando do seu pescoço, ela sentiu seu coração disparar de terror. Ela sabia que aquele dia chegaria, mas não esperava que as coisas fossem acontecer daquele jeito.

O olhar de satisfação de Otávio — que parecia disposto a concluir a impiedosa tarefa de decapitá-la pessoalmente para transformá-la em mais uma de suas cobaias — aumentava a sensação de desamparo da senhora, já mortalmente ferida.

A pobre Isabel estava apavorada e se sentindo mais sozinha do que nunca. Foi quando ela percebeu que havia alguém caminhando por entre a multidão, sem que a presença fosse notada. Era uma moça de vinte e poucos anos, olhos verdes lindos e pequenas sardas em seu rosto de anjo. Ela se aproximou de Isabel, parando bem ao lado de Otávio, que, assim como os outros, ignorava completamente a presença da garota.

— Olá, minha amiga, chegou a hora de partir, está bem? Você já fez muito por todos nós, agora precisa descansar — decretou ela com suavidade. A bela moça olhou para Otávio com uma expressão que oscilava entre o desdém e a pena, e depois voltou-se novamente para Isabel. — Você não está com medo desse imbecil, está? — Mariana perguntou com um sorriso doce no rosto.

Foi naquele momento que Isabel sorriu, surpreendendo Otávio. Ela poderia estar no fim da sua vida, mas não estava sozinha. E isso era tudo que importava.

Que bom que você está aqui, achei que ninguém viria, Isabel pensou.

— De forma alguma, nunca deixaríamos você sozinha num momento como esse — Mariana respondeu sorrindo.

Em seguida, Canino surgiu atrás da moça, fazendo com que o coração de Isabel disparasse de vez, agora de felicidade.

— Eu estou aqui, meu amor. Estive te esperando por décadas. E agora finalmente ficaremos juntos novamente — Canino falou sorrindo. — Venha comigo e eu prometo que você nunca mais se sentirá sozinha de novo.

Junto com ele, estava o fantasma de Jezebel, que também sorria para a irmã gêmea.

Isabel sorriu uma última vez e, quando a lâmina cortou sua garganta, ela finalmente se desligou das amarras que a prendiam ao mundo dos vivos e partiu para longe, acompanhada por algumas das pessoas que mais amara naquela vida.

SUMÁRIO

LIVRO II – ADOLESCÊNCIA

- 15** CAPÍTULO 1 – **A CHEGADA**
- 22** CAPÍTULO 2 – **MADAME BIANCA**
- 30** CAPÍTULO 3 – **GABRIELA**
- 48** CAPÍTULO 4 – **A PROPOSTA**
- 54** CAPÍTULO 5 – **ESTELA**
- 58** CAPÍTULO 6 – **O NAVIO FANTASMA**
- 87** CAPÍTULO 7 – **UMA FAMÍLIA PERFEITA**
- 95** CAPÍTULO 8 – **ENTRE ESCRAVOS E ASSASSINOS**
- 123** CAPÍTULO 9 – **A CIDADE DAS ABERRAÇÕES**

LIVRO III – MATURIDADE

- 127** CAPÍTULO 1 – **SEIS VIDAS**
- 147** CAPÍTULO 2 – **SEGUINDO EM FRENTE**
- 151** CAPÍTULO 3 – **COMO SOBREVIVER À NOITE INFERNAL**
- 174** CAPÍTULO 4 – **A REBELIÃO**
- 190** CAPÍTULO 5 – **DOIS CORAÇÕES**
- 201** CAPÍTULO 6 – **COMUNIDADE UNIDOS POR SÃO PAULO**
- 243** CAPÍTULO 7 – **A FÚRIA DE DEUS**
- 254** CAPÍTULO 8 – **INSURREIÇÃO**
- 270** CAPÍTULO 9 – **GUERRA**
- 300** CAPÍTULO 10 – **ROBERTO**
- 310** CAPÍTULO 11 – **UMA NOVA ESPERANÇA**
- 314** CAPÍTULO 12 – **PARIS**
- 317** CAPÍTULO 13 – **ABSINTO**
- 318** AGRADECIMENTOS



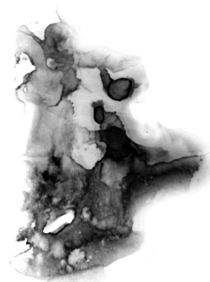


LIVRO II
ADOLESCÊNCIA



CAPÍTULO 1

A CHEGADA



FERNANDO E JENNIFER — esgotados, famintos e doentes após várias noites ao relento, num frio congelante, e fugindo de hordas de zumbis — alcançaram a Fortaleza de São José da Ponta Grossa quase um mês depois de a colônia de sobreviventes da Serra Catarinense ter sido implacavelmente esmagada pelos soldados de Otávio e Mauro.

O grupo de dissidentes, liderado por Adriana e sua filha, Ingrid, fizera da antiga fortaleza o local ideal para estabelecer uma nova comunidade de sobreviventes. Ela era cercada por muros altos e reforçados e situada num ponto elevado, que, além de proporcionar uma visão privilegiada dos arredores, dificultava o avanço de inimigos, fossem eles zumbis ou humanos.

Junto aos canhões centenários, que agora não passavam de peças de decoração, tinham sido instalados obuseiros M114A1 de 155 milímetros cada um, além de canhões antiaéreos de 40 milímetros.

Tudo começou quando Uriel deu o golpe que o levou ao poder. Mãe e filha não titubearam. Ambas lideraram uma revolta armada, que levou a uma verdadeira guerra civil nas ruas de Ilhabela. E quando ficou claro que seria impossível vencer o golpista, elas e seu grupo de opositores fugiram para Florianópolis, levando consigo uma embarcação lotada de equipamentos de guerra.

Inicialmente, a comunidade contava com mais de duzentas pessoas, na sua maioria moradores e ex-soldados de Ilhabela que passaram a ser comandados por Adriana, fiel amiga de Ivan e Estela.

Três anos depois, as equipes de Uriel que percorriam o litoral do Brasil de Norte a Sul localizaram a fortaleza à beira-mar e descobriram que se tratava do grupo de Adriana. O então prefeito de Ilhabela, exultante de empolgação, sobretudo ao se dar conta de que Isabel e seu bando de fugitivos também se encontravam lá, ordenou ataque imediato. As ordens eram simples: ele queria Isabel, Adriana e Ingrid mortas, e a recuperação de todos os equipamentos e armas levados por elas.

O saldo final desse confronto, no entanto, foi desastroso para Uriel. Duas lanchas, uma fragata e um barco de apoio naufragados, um helicóptero derrubado e cento e vinte e três soldados mortos. Os opositores mandaram o recado claríssimo para o prefeito de qualquer nova tentativa de aproximação teria consequências ainda piores para Uriel e suas forças. Eles só baixariam as armas após sua renúncia e prisão de todos os seus apoiadores.

Diante da força de seus adversários, que haviam conseguido se estabelecer de forma sólida e em um ponto estratégico — o que atrapalhava a criação de linhas de suprimentos e trânsito de soldados, essenciais para uma campanha de longa duração — Uriel cedeu, ao menos num primeiro momento.

Com o recuo do prefeito, houve um período de relativa paz, no qual a Fortaleza se tornou não só uma poderosa força de oposição como também um refúgio para sobreviventes vindos de todos os cantos do país e de pessoas que precisavam fugir das garras de Uriel ou de Otávio.

E foi assim que Isabel, Nívea, Sílvio e vários outros se uniram a Adriana, que acolheu prontamente a todos — em especial Isabel, que, como ela, tinha vivido os anos dourados da resistência humana no Brasil, ainda nos tempos do Condomínio Colinas. Adriana considerava uma sorte imensa ter uma pessoa tão poderosa como Isabel no grupo. Mas quando a vidente não conseguiu antecipar o novo ataque de Uriel, muito mais intenso e organizado que o primeiro, Ingrid não perdoou a mulher a quem muitos chamavam de Bruxa.

Naquela nova incursão militar promovida por Ilhabela, uma vez mais o poderio da fortaleza prevaleceu, num confronto que se arrastou por meses, mas que custou a vida de sua grande fundadora, Adriana.

Ingrid, que assumiu o lugar da mãe e passou a ser conhecida por Abelha Rainha, impôs mais uma dura derrota às forças de Uriel, que nunca mais se arriscou a enfrentá-la de forma aberta novamente.

Após sua vitória, a primeira ação de Ingrid, enlouquecida de tristeza pela morte da mãe, foi expulsar Isabel da fortaleza, bem como todos que apoiavam a idosa. E esse grupo incluiu Jennifer, Sílvio, Nívea e alguns outros, que viriam a formar a comunidade de sobreviventes da Serra Catarinense.

Com o tempo, Ingrid voltou a se relacionar, ainda que com certa frieza, com alguns dos seus antigos aliados, apesar de nunca ter conseguido reatar seu relacionamento com Isabel. Ela culpou a velha senhora por todos os estragos causados pela invasão de Uriel. Isabel até poderia ter usado seu poder para tomar o controle da fortaleza, mas ela era íntegra demais para fazer algo do gênero. Por isso, optou por aceitar a decisão de Ingrid, e simplesmente partiu.

Temperamental, irritadiça e excêntrica. Esses eram alguns dos adjetivos que poderiam ser utilizados para definir Ingrid. Por isso, Jennifer não estava muito confiante em relação às chances de sua antiga aliada recebê-la de volta. No entanto, era preciso tentar.

* * *

— Quase não acreditei quando me disseram que era você! Seja bem-vinda, Jennifer — disse Ingrid, indicando a cadeira para que a antiga aliada se sentasse.

Fernando também tomou um assento. Ele e a mãe adotiva estavam na sala na qual Ingrid se acomodava todos os dias para tomar as decisões referentes à comunidade. Com o passar dos anos, o grupo acabou por expandir os limites da fortaleza, que agora já contava com quase mil moradores.

— Eu nem quero acreditar que chegamos a esta situação. Mas a verdade é que precisamos de ajuda, Ingrid, e não temos mais a quem recorrer. Como Sílvio e Nívea estiveram aqui alguns meses atrás e você os recebeu bem, achei que talvez pudessemos vir para cá também.

— Sílvio e Nívea sempre foram amigos muito queridos, Jennifer, e você também é. Claro que minhas portas estão abertas. Mas eu me pergunto o

que foi que aconteceu pra você chegar aqui sozinha com esse garoto, que eu aviso desde já, pode ser uma fonte imensa de dor de cabeça. O Otávio encontrou vocês? A velha feiticeira também não foi capaz de protegê-los? — perguntou Ingrid, esboçando um meio sorriso irônico.

— Sim, infelizmente o Otávio conseguiu nos achar. Na certa, alguém vendeu a ele informações sobre o nosso paradeiro. E então ele desferiu um ataque mortal sobre nossa comunidade. Você sabe que Otávio sempre desejou isso — Jennifer falou com pesar.

— Sílvio e Nívea? — Ingrid a encarou, com expressão séria.

— Mortos.

— Isabel?

— Morta também.

Ingrid exalou um suspiro e fez uma careta. A notícia da morte de Isabel a desagradou muito mais do que ela seria capaz de supor ou explicar.

— Entendo. Se nem mesmo a mulher mais poderosa do mundo foi capaz de fazer frente à insanidade de Otávio, acho que estamos realmente todos arruinados — disse Ingrid, balançando a cabeça.

— E tem mais. Otávio nos atacou usando um adolescente com poderes similares aos de Jezebel. O garoto é tão poderoso que derrotou Isabel com imensa facilidade. Otávio agora conta com um verdadeiro monstro pra fazer seu trabalho sujo. Todos nós estamos correndo perigo.

Ingrid arregalou os olhos.

— Isso explica tudo! Nunca imaginei que alguém fosse capaz de enfrentar Isabel. Esse maluco descobriu uma forma de usar fogo para combater o próprio fogo. Eu sempre soube que Otávio era pior que o pai, com aquele jeito de moleque covarde que ele tem.

— E o que você pretende fazer? — Jennifer se assustou diante da reação de Ingrid.

— Agora, absolutamente nada. Não tenho como atacar Otávio em Ilhabela. Lá ele está muito bem protegido. Mas temos de estar preparados para um ataque dele a qualquer hora, porque aí sim teremos problemas sérios. De qualquer forma, há muitos anos que ninguém tenta nada contra a gente. Acho que, ao menos por ora, estamos seguros.

Jennifer torceu para que Ingrid estivesse certa.

— E por que você falou que Fernando pode ser uma fonte de problemas? Eu não entendi o que você quis dizer com isso — disse Jennifer, franzindo a testa.

Fernando, que também queria entender o porquê daquele comentário, aproximou-se um pouco mais.

— Vocês realmente não estão sabendo? — Ingrid perguntou com um sorriso estranho no rosto.

— Não estou sabendo de nada. O que aconteceu? — Jennifer indagou, preocupada.

Sem dizer nada, Ingrid abriu uma gaveta, tirou uma folha de papel e a colocou diante de Jennifer e Fernando. Os dois arregalaram os olhos.

Tratava-se de um cartaz com dois retratos falados, de uma menina e de um menino. Embaixo de cada imagem, os nomes “Fernando” e “Sarah”, com os seguintes dizeres: “Procura-se assassinos infantis perigosíssimos. Vivos ou mortos.” No final da página, era mencionada uma recompensa em dinheiro para quem ajudasse a localizar os dois “jovens terroristas”.

— Parece que você e sua amiga Sarah enfureceram os poderosos de Ilhabela, garoto. Este cartaz foi encontrado há quatro dias fixado do lado de fora da nossa fortaleza, num lugar em que os nossos guardas pudessem ver. — Ingrid encarou Fernando. — O que foi que você fez?

O menino, muito sem graça e ainda mais intimidado pela autoridade de Ingrid, contou que havia criado uma emboscada e matado seis soldados, além de ter tentado, sem sucesso, matar Mauro. Mas salientou que não fazia ideia do que Sarah havia feito para despertar a raiva dos governantes da capital. Entretanto, independentemente do que aconteceu, ele sentiu um grande alívio ao se dar conta de que aquilo significava que Sarah também conseguira fugir.

— Fiquei sabendo que Sarah desapareceu durante a travessia da balsa entre São Sebastião e Ilhabela, deixando uma verdadeira trilha de corpos para trás. Pelo visto, a garota tem imensa sede de sangue. — Ingrid abriu um largo sorriso. — E você é o filho de Ítalo, que parece estar em busca de vingança. Se você chegou perto de matar Mauro, isso já explica muita coisa.

— Nós podemos ficar aqui, Ingrid? Não queremos colocar vocês em risco, mas eu confesso que não tenho nenhuma outra opção. Foi um milagre conseguirmos chegar até aqui. Tudo o que eu não quero é ter de voltar lá para fora novamente. — Jennifer também ressaltou que o zumbi psíquico controlado por Otávio era muito poderoso e que as coisas a partir daquele momento se tornariam mais difíceis.

Mas a Abelha Rainha contemporizou:

— Concordo que é grave, mas duvido que ele vá utilizar esse garoto poderoso em qualquer situação de perigo. Pelo que vocês me contaram, parece se tratar de alguém muito difícil de ser controlado. Então, o risco de utilizá-lo é sempre imenso. Imaginem o que poderia acontecer caso ele saísse de controle. Pode ter certeza de que Otávio tem essa consciência, por isso utilizou-o apenas uma vez até agora. Vamos continuar observando atentamente, mas aposto que o prefeito tentará usar essa arma o mínimo possível, somente em casos inevitáveis.

Jennifer concordou. Talvez ela tivesse razão.

Ingrid olhou bem para a antiga aliada diante de si. Sem dúvida, seria muita burrice abrigá-los enquanto houvesse uma recompensa pela cabeça de Fernando. Qualquer um que soubesse do paradeiro do menino iria denunciá-lo imediatamente. E se Mauro ou mesmo Otávio decidisse que valia a pena tentar capturá-lo, a comunidade inteira estaria em risco. Eles eram fortes e já haviam vencido Ilhabela duas vezes, mas ela não acreditava que a sorte duraria para sempre, ainda mais com Otávio na posse de uma nova e tão poderosa arma de ataque.

Mas se tinha algo na vida que Ingrid adorava fazer era desafiar Otávio e sua corja. O pai dele, Uriel, passara um verdadeiro sufoco nas mãos dela e de sua mãe. Por que não fazer o filho provar do ferrão da Abelha Rainha também?

— Jennifer, enquanto eu viver, prometo que ninguém lhes fará mal — ela falou, por fim. — Minha colmeia inteira manterá vocês dois a salvo. Dou a minha palavra. E tire essa péssima ideia de vingança da cabeça, garoto, essa idiotice não vai te levar a lugar nenhum. E se você me causar problemas, eu mesma te mato!

Fernando se encolheu diante da ameaça.

* * *

Naquela noite, Jennifer e Fernando finalmente puderam tomar banho e se deitar em camas limpas e secas depois de um mês de privações. Os dois perderam muito peso e estavam cheios de machucados, mas estarem vivos e seguros, em uma das comunidades mais poderosas do Brasil, que nem mesmo Uriel e Otávio tinham sido capazes de derrotar, era tudo o que importava agora.

Apesar do imenso cansaço, Fernando não conseguia pegar no sono. Depois de muito rolar na cama, o menino se levantou e se sentou em uma cadeira, no canto do quarto.

— O que houve, filho? Está tudo bem? — perguntou Jennifer, tirando Fernando dos seus devaneios.

— Não consigo dormir.

— Por quê? Tem alguma coisa te incomodando?

— Sei lá, não sei explicar. — A cabeça do garoto era uma confusão.

— Por acaso você está preocupado com a Sarah?

Fernando se assustou com a pergunta, e logo tratou de negar:

— Não! Eu só estou me perguntando o que aconteceu com ela. É só, nada além disso — o garoto respondeu atrapalhado.

Jennifer achou graça na falta de jeito dele.

— Fique tranquilo, filho, a Sarah é durona. Você ouviu o que a Abelha Rainha falou, não ouviu? Enquanto houver cartazes sendo colados por aí, você saberá que ela está bem. E Sarah também terá certeza de que você conseguiu escapar.

— Duvido que ela se preocupe muito comigo. Aquela garota, na verdade, nunca gostou de mim. — disse Fernando, olhando para os próprios pés.

Jennifer sorriu ao ouvir aquele último comentário. Em seguida, insistiu que ele tentasse dormir, pois no dia seguinte acordariam cedo para ver de que forma colaborariam com a comunidade. Ali, todos precisavam trabalhar.

Fernando obedeceu. Deitou-se na cama, olhando para o teto, e se perguntou onde Sarah estaria naquele momento. Será que ela também teria uma cama quente para dormir? Será que também havia alguém cuidando da garota?

Depois de muito tempo de perguntas sem respostas, o cansaço venceu e Fernando finalmente adormeceu.

CAPÍTULO 2

MADAME BIANCA



MADAME BIANCA INTERROMPEU suas tarefas administrativas ao ouvir o som da campainha. A velha cortesã reuniu com tranquilidade o dinheiro e guardou-o dentro de um cofre, junto com o livro-caixa; acabaria de fazer suas anotações no dia seguinte. Ela observou algo dentro do cofre, perguntando-se se era uma boa ideia manter aquilo consigo. Ao decidir que talvez valesse a pena o risco, ela tirou o objeto da caixa de metal reforçado e o colocou no bolso do casaco.

Em seguida, rumou até a porta, não sem antes conferir sua aparência em um espelho. Apesar de ter abandonado a prostituição anos atrás, ela ainda era muito vaidosa e não permitia que a vissem se não estivesse muito bem-arrumada.

Ela abriu a porta com um sorriso caloroso. Passava das cinco da manhã, e as atividades do dia estavam encerradas. Portanto, não poderia ser um cliente. Do lado de fora, ela deparou-se com um grupo de quatro soldados, todos fortemente armados. Dois deles eram frequentadores assíduos do Casarão das Sereias. Madame Bianca cumprimentou o Sargento Floriano.

— Boa noite, Madame Bianca, tudo bem? Sei que a senhora deve estar se preparando pra se recolher, mas infelizmente viemos para uma missão muito importante. Podemos entrar um instante? — o sargento falou com extrema delicadeza. Era cliente do casarão e nutria um genuíno afeto por

ela. Aquele lugar não era famoso apenas pelas suas belas mulheres, mas também pela afabilidade de sua proprietária.

— Claro, sargento, entrem, entrem! Por favor, fiquem à vontade. Posso lhes oferecer uma bebida?

— Não, madame, não se preocupe, estamos aqui a trabalho.

— Uma xícara de café com um bom pedaço de bolo, então! Pra aquecer o corpo e espantar o sono! Eu insisto!

E antes mesmo que eles pudessem protestar, ela se apressou até a cozinha para preparar o café. Os homens se entreolharam e sorriram.

— Ela é uma figura, né? Eu amo essa coroa! — comentou o sargento, sorrindo.

— Ela é mesmo! E é verdade que as garotas mais lindas do país trabalham aqui? — um dos soldados perguntou, curioso.

— Sim, todas são lindas, gostosas e fogosas. Aqui é um paraíso. Sempre que consigo, dou uma escapada e venho pra cá — o sargento afirmou.

— Mas é muito caro, tem que ter grana no bolso. Dizem que até mesmo o prefeito Uriel, que Deus o tenha, era frequentador. Reza a lenda que ele deixava verdadeiras fortunas quando vinha aqui. — O sargento piscou, irônico.

Minutos depois, os soldados começavam a demonstrar impaciência, e até mesmo o sargento consultava sem parar seu relógio de pulso, arrependido de ter aceitado a hospitalidade de Madame Bianca. Aquela deveria ser uma operação rápida, e eles tinham um trabalho a realizar que demoraria bastante para ser devidamente executado.

Então, ela voltou com uma grande mesinha com rodas, coberta com uma bela toalha de linho branco com detalhes em dourado que se estendia pelas laterais do móvel, até o chão. Sobre a mesa havia um bolo de laranja com um cheiro delicioso, além de biscoitos de nata, cookies e um bule de café fumegante com um aroma convidativo e revigorante. E os quatro soldados deixaram a pressa de lado.

Todos puseram-se a comer, bebericando o café para acompanhar. Madame Bianca cortou uma generosa fatia de bolo e a entregou para o sargento, puxando conversa para entender o que estava havendo.

— Desculpe a intromissão, sargento, mas o que exatamente vocês vieram fazer? Confesso que estou preocupada, sinto algo grave no ar. — Madame Bianca pôs a mão no antebraço do homem, com delicadeza.

— Sim, Madame, de fato a situação é grave. — O sargento Floriano limpou a boca num lindo guardanapo. — Buscas estão sendo realizadas na cidade inteira para encontrar uma assassina foragida.

Madame Bianca franziu a testa e engoliu em seco, sem saber o que dizer. Então, rompeu o silêncio, visivelmente preocupada:

— Uma assassina foragida? Sério mesmo? E quem essa mulher matou?

— Ela assassinou mais de trinta homens, acredite se quiser. E o pior de tudo é que se trata de uma criança, não de uma mulher— o sargento informou.

— Uma... criança? Meu Deus! Mas como é possível uma menina ter feito tudo isso sozinha?

— Nós também não conseguimos entender, Madame. Quem a viu disse que se trata de uma assassina muito bem treinada. Ela fazia parte do bando da bruxa Isabel, que foi desmantelado ontem em Santa Catarina. — O sargento Floriano esboçou um sorriso vitorioso.

Madame Bianca abriu um largo sorriso, com seu costumeiro jeito caloroso, colocando-se à disposição para colaborar.

— Fantástico, sargento, fico feliz por vocês finalmente terem conseguido derrotar aquela criminoso foragida. Estão todos de parabéns. Imagino que desejem revistar a minha propriedade, certo? — Madame Bianca supôs, sagaz.

— Isso mesmo, Madame, estamos revistando todos os prédios da rua, enquanto outra equipe patrulha os arredores. Não sabemos se a fugitiva sobreviveu; ela acabou desaparecendo no mar. Esta operação é preventiva, para o caso de ela ter conseguido chegar até a ilha. Temos patrulhas vasculhando o continente também, por precaução. — O sargento deu um último gole no café; eles precisavam encerrar a conversa e se apressar.

— Sargento, fique à vontade, pode revistar a casa inteira. Só peço que sejam gentis ao acordarem as pobres garotas. Recebemos muitos clientes esta noite e elas estão cansadas.

— Pode deixar, Madame, seremos gentis e muito rápidos, eu prometo. — O sargento Floriano se pôs de pé e foi prontamente imitado por seus homens. — Pessoal, vamos lá, o recreio acabou. Vasculhem todos os cômodos, armários, banheiros, tudo! Vamos! Vamos!

Os soldados obedeceram de pronto, partindo em diversas direções. Madame Bianca acompanhou o sargento, para tranquilizar suas garotas. Todos trabalharam nas buscas por mais de duas horas. O casarão era

enorme, com cerca de vinte quartos, e levou um tempo razoável para que todos os cômodos fossem checados. Eles executaram a tarefa com incrível profissionalismo, nada ficou sem vistoria. Exceto um aposento.

— Madame Bianca, eu preciso que a senhora abra o seu quarto também. É o único que está trancado — o sargento Floriano pediu com respeito, porém firme.

— O meu quarto? Isso é mesmo necessário? — Madame Bianca demonstrou certo desconforto. — Eu garanto que não tem nada lá, senhor, confie em mim.

O nervosismo da cortesã não passou despercebido nem para o sargento, nem para seus soldados.

— Sim, Madame, receio que seja absolutamente necessário. Peço que a senhora abra a porta. Garanto que será muito rápido.

— Sargento, sei que o senhor está cumprindo ordens, mas sabe como é, uma mulher tem seus segredinhos. Eu deixo a porta do meu quarto trancada porque tenho alguns bens muito preciosos que não gosto que ninguém veja. Tenho certeza de que o senhor entende, não é mesmo? — Mas debaixo daquela cortesia toda de Bianca havia uma nota de tensão mal disfarçada, que foi percebida pelo sargento. Ele era capaz de farejar medo e mentira de longe, e detectara ambos na voz de Madame Bianca.

— Não, Madame, sinceramente não entendo. No entanto, vou entender assim que a senhora abrir a porta do seu quarto pra mim. — Havia um tom sutil de ameaça em seu sorriso. — Por favor, abra. Agora.

Madame Bianca, porém, decidiu fazer mais uma tentativa:

— Claro, sargento. Peço então que o senhor me dê alguns instantes pra arrumar as minhas coisas. Sabe como é, sou uma senhora solitária, que não recebe um homem no seu quarto há vários anos. Portanto, está tudo muito bagunçado. Se o senhor me der apenas dez minutos, tenho certeza de que...

— Senhora, eu ordeno que abra a porta daquele quarto imediatamente! Não me obrigue a prendê-la por desacato!

Madame Bianca arregalou os olhos, assustada com a reação intempestiva do sargento. Um dos soldados saiu da sala e se posicionou do lado de fora do casarão, de modo a vigiar a janela do quarto, que ficava no segundo andar, caso alguém tentasse fugir por ali. Os outros dois subiram as escadas correndo e se colocaram em frente ao aposento de armas

em punho. Todos desconfiavam que haviam encontrado o que procuravam.

— Senhora, eu te dou trinta segundos pra abrir aquela porta. Caso contrário, meus homens irão arromba-la e, independente do que for encontrado ali, te prenderei por desacato à autoridade, está me entendendo? — Floriano gritou, furioso.

O sargento sabia como pressionar alguém que tentava enrolá-lo, como aquela mulher estava fazendo. No entanto, a reação de Madame Bianca foi bem diferente da que ele imaginara.

— É óbvio que vou abrir a porta, sargento, mas confesso que estou decepcionadíssima com a sua reação. Eu imaginava que o senhor fosse um cavalheiro, um homem que sabe respeitar uma dama! É evidente que me equivoquei! — Em seguida, ela tirou uma chave do bolso do casaco. — Aqui está a chave, fique à vontade pra abrir a porta o senhor mesmo. Percebo que vocês estão com muita pressa e peço desculpa se a minha hospitalidade os atrapalhou.

Floriano piscou diante da chave prateada que a cortesã lhe oferecia. E, ao olhar para ela, não viu mais medo, apenas uma autêntica indignação.

— Madame Bianca, entenda que eu preciso..

— Sem mais nenhuma palavra sargento. Eu recebi o senhor e seus soldados com educação e cortesia, e em troca ouvi grosseria e gritos. Para ser sincera, estou decepcionada! Pode revistar meu quarto, fique à vontade!

* * *

Floriano hesitou por alguns instantes, sem saber o que pensar. Então decidiu revistar logo o aposento e, apanhando a chave, subiu a escada de dois em dois degraus, seguido por Madame Bianca, que não conseguia acompanhar seu ritmo. Ao chegar na entrada do aposento, mandou seus soldados se prepararem, e ambos destravaram seus fuzis e aguardaram a ordem.

Assim que Floriano destrancou a porta e deu o sinal, os dois soldados invadiram o quarto de forma abrupta, prontos para matar quem quer que estivesse lá dentro.

E os três piscaram ao constatar que não havia ninguém ali. O aposento era imenso e extravagante, com um papel de parede composto por

grandes rosas vermelhas. Os armários, feitos de madeira entalhada à mão, tinham um toque clássico, antigo. As cortinas eram vermelhas, com detalhes de plumas brancas, e o carpete também era florido. Era tudo tão colorido e enfeitado que chegava a incomodar um pouco. Porém, o que mais chamava a atenção era uma arara em que estavam penduradas diversas peças de roupa, como camisolas transparentes, roupas íntimas de couro, corpetes e até mesmo trajes de prática de sadomasoquismo. Nada combinava com o perfil de uma senhora idosa, e os três homens ficaram desconcertados.

— Satisfeitos? Entenderam por que não gosto que entrem aqui pra bisbilhotar as minhas coisas? — Madame Bianca os desafiava, parada à soleira com as mãos na cintura.

— Hã... senhora, desculpe, eu não fazia ideia de que a Madame teria esses... acessórios no seu quarto. — O sargento fitava um par de algemas pendurado na arara. Ali também havia um chicote, máscaras de couro e, no chão, diversas botas e sapatos de salto alto.

— Esses “acessórios” me ajudaram a conquistar tudo o que tenho hoje, sargento. Bem, agora, se os senhores não se incomodarem, por favor, encerrem suas buscas e me deixem em paz, preciso muito descansar.

O sargento suspirou sem graça e mandou seus homens se apressarem na busca. Em poucos minutos, toda a casa havia sido verificada. Não tinha nada de errado ali.

— Madame, peço perdão pelo meu comportamento, não quis ofender. A senhora sempre me tratou muito bem e eu não soube reconhecer. Estou profundamente arrependido. — Galante, o sargento tomou a mão da idosa e a beijou. — Amigos?

— Lógico, sargento, desculpas aceitas. Eu imagino que vocês estejam sob muita pressão após esse episódio pavoroso. Faço votos de que localizem essa assassina perigosa pra que todos nós possamos ficar em paz. — Madame Bianca voltou a esboçar seu sorriso caloroso. O sargento era um frequentador assíduo do casarão, e ela não podia perder um bom cliente.

Os soldados agradeceram pelo café e o bolo e Madame Bianca colocou em uma vasilha de plástico o que sobrou do doce, e entregou-a ao sargento.

— Para que vocês possam fazer um lanche mais tarde. Eu insisto.

— Muito obrigado, Madame. Virei aqui algum dia desses pra tomar um drinque, está bem?

— Claro, sargento, minhas portas estarão abertas. Mais uma vez, boa sorte na sua busca.

E o grupo de combatentes partiu, em seu jipe.

Madame Bianca foi até a janela, puxou a cortina e confirmou que o veículo se fora. Então, respirou aliviada.

— Eles já foram, você pode sair daí, garota.

Então Sarah, suja e exausta, afastou para o lado a toalha de linho branco da mesa de chá e caiu no chão da sala, completamente esgotada após ter ficado horas encolhida naquele espaço minúsculo, sem poder fazer barulho ou se mexer.

— Levanta, menina, você me deve explicações. E se eu não gostar do que ouvir, irei pessoalmente entregá-la aos soldados do Otávio — Madame Bianca afirmou com dureza, medindo a garota, que mal conseguia se mover.

— Eu já te falei. Estava fugindo dos soldados depois de eles destruírem a comunidade em que eu morava e matar a minha mãe. — A areia do mar grudada no corpo de Sarah sujava o tapete de Madame Bianca.

— Essa parte eu já entendi. Mas você não tinha dito nada sobre ter matado dezenas de soldados! Você enlouqueceu, pirralha? Se eles descobrirem que te escondi vão me matar e jogar meu cadáver em alguma cova rasa. Esta ilha está cheia de cemitérios clandestinos, graças ao nosso ex-ditador, Uriel, e seu filhinho psicopata, Otávio, que hoje em dia brinca de ser prefeito! As pessoas dessa cidade são mais perigosas do que os zumbis. Aqui, basta pisar no pé da pessoa errada para morrer!

Sarah se encolheu diante da fúria da mulher. Talvez ter pedido ajuda a ela houvesse sido um erro, mas a garota não encontrara nada melhor após sua fuga. Nadara à noite até conseguir chegar à ilha, seguindo as luzes do único imóvel naquela parte da orla que, em plena madrugada, estava todo iluminado. Ao ver os carros cheios de militares circulando por ali, invadindo as casas, Sarah não teve dúvidas: invadiu o casarão e implorou pela ajuda da cortesã.

Madame Bianca, ao notar os carros circulando pela rua, soube que era questão de tempo até que alguém chegasse à sua porta. Assim, levou Sarah para a cozinha e a enfiou, sem muito cuidado, sob a mesinha com rodas.

— Fique aí, não se mexa, não respire, não faça barulho algum! — ordenou.

Sarah permaneceu escondida até aquele momento.

— E então? Estou esperando uma explicação! Desembucha! — Madame Bianca ralhou, mostrando que ela também tinha um temperamento forte e sabia subir o tom de voz quando julgava necessário.

— Senhora, desculpe e obrigada pela ajuda, mas eu vou...

— Você não vai para lugar nenhum, menina! Fala! Agora! — E então Madame Bianca sacou do bolso do casaco o revólver calibre 32 que havia retirado do cofre, apontando-o para Sarah. — Senta ali. — Ela indicou-lhe uma poltrona.

Sarah arregalou os olhos diante da arma, mas manteve-se calma. Com muito cuidado, acomodou-se, sob o escrutínio de Madame Bianca, sem saber o que esperar daquela mulher tão peculiar. A cortesã puxou uma cadeira e acomodou-se também, sem desviar o olhar da menina e sem baixar a arma.

As duas se estudaram por alguns instantes, num silêncio desconfortável que deixava a atmosfera ainda mais pesada. Entretanto, após minutos que mais pareceram horas, Madame Bianca decidiu falar:

— Agora, responda-me uma coisa, Sarah: como é que a minha querida amiga Isabel morreu? Espero que ela não tenha sofrido muito nas mãos daqueles desgraçados. — Madame Bianca perguntou, com ar triste, e Sarah percebeu que estava segura.

CAPÍTULO 3

GABRIELA



OS PRIMEIROS TRÊS ANOS após a chegada de Fernando e Jennifer à fortaleza voaram. Ela se juntou a outros médicos e passou a cuidar da saúde dos moradores, e ele, tornando-se o mais jovem vigilante do forte, logo passou a viver a mesma dura rotina vivida pelos homens e mulheres que protegiam aquele lugar. Passava dias inteiros em pé, de arma em punho, vigiando o entorno da fortaleza. Quando solicitado, virava noites em claro.

Fernando nunca surgia na muralha de rosto desprotegido: a pedido de Ingrid, usava sempre uma touca ninja, que cobria toda sua face. Ela sabia que os soldados de Otávio vigiavam a comunidade, e desconfiava que havia espiões infiltrados no grupo. Ninguém podia saber que o garoto estava ali. Ele até mesmo recebeu outro nome.

— Ivan? — Fernando perguntara, intrigado.

— Sim. Ele foi um dos melhores soldados que esta terra já conheceu. Quem sabe esse nome servirá de inspiração pra você — Ingrid falara, em um raro momento de descontração.

O garoto obedeceu de pronto e passou a se apresentar como Ivan para todos, assumindo seu nome verdadeiro somente quando estava com Jennifer e Ingrid. Sua disciplina era tamanha que ele às vezes até esquecia que Ivan não era seu nome de batismo.